

O navio oceanográfico «Seis Mariner», contratado pela Shell Prospex Portuguesa para trabalhos de prospecção sísmica e geográfica ao largo da costa de Portugal

# Perspectiva da Shell Portuguesa

Quem faça a história de mais de meio século de actividade da SHELL em Portugal, verificará um nítido fenómeno de crescimento, caracterizado pela segurança e ritmado pelo próprio desenvolvimento do País, à parte sincero desejo de participar activamente na economia nacional.

Ora essa evolução processou-se, favoravelmente, ao longo de todos estes anos exactamente porque se apoiou simultaneamente nas crescentes necessidades resultantes do progresso e da expansão económica e populacional; na inteligência, dedicação e espírito de iniciativa e entusiasmo quer de Clientes e Revendedores quer do Pessoal; e evidentemente nos produtos que a SHELL oferece e satisfazem o mercado.

Trata-se na realidade de alicerces válidos, nos quais assenta a actividade da SHELL no Presente como foi no Passado e será no Futuro, já que se reforçam de dia para dia.

Uma das normas fundamentais da SHELL, nos seus já longos anos de actividade em Portugal, traduz-se em prestar o melhor apoio ao País no que diz respeito à formação de engenheiros, economistas e outros quadros superiores.

Não admira, portanto, que o seu administrador delegado, dr. João Coutinho de Lencastre, e o pessoal sejam hoje inteiramente portugueses e possuam a am-

pla experiência que lhes advém, não só da rotina própria às actividades normais, como de iniciativas no plano do desenvolvimento agrícola, da investigação científica, e nesse promissor campo que é a pesquisa e exploração de petróleo no fundo do mar. E ainda quanto à ampliação da capacidade refinadora do país, apresentando propostas para a construção de refinarias sempre que a oportunidade tem surgido mediante concursos públicos.

Vale a pena recordar as origens da SHELL entre nós e a evolução sempre progressiva que a levou à posição que ocupa presentemente. Assim, um homem activo e de grande visão comercial, Joseph William Henry Bleck, fixado em Lisboa, assistira aos primeiros passos da indústria petrolífera em Inglaterra e sabia, pelos seus íntimos contactos com o Grupo Royal Dutch/Shell, da amplitude que a Organização assumia em diversos países. Além disso, as boas relações que cultivava nos vários sectores da sociedade portuguesa davam-lhe a certeza do êxito de uma iniciativa a que se abalançou: a constituição de uma sociedade que tinha por principal objectivo o comércio de produtos petrolíferos em Portugal.

Essa sociedade, registada no dia 26 de Outubro de 1910 surgia com um capital de £50 000 representado por acções no valor de £1 cada e recebeu a designação

de «The Lisbon Coal and Oil Fuel Company Limited», iniciando a sua actividade em Dezembro desse mesmo ano em Lisboa, sob a gerencia de Joseph Bleck. O nome SHELL apareceu então em Portugal por intermédio da The Lisbon Coal.

Num mercado de reduzido movimento e perante a escassez de transportes da época, a nova sociedade começou por contactar a limitada clientela da capital para produtos petrolíferos, estabelecendo competição com os concorrentes já existentes no mercado, a qual serviu para beneficiar o consumidor.

«The Lisbon Coal» mantinha armazéns de distribuição de carvão, um deles perto de Arealva, na margem sul do Tejo. E ali guardava também o petróleo, a gasolina, o fuel-oil que eram recebidos do estrangeiro em caixas ou tambores.

Assim, progressivamente, «The Lisbon Coal» e a concha Shell entraram nos hábitos do público e a rede de venda só não aumentava porque se ressentia, por vezes, da falta de produtos. Era necessário evitar tal perturbação construindo grandes depósitos, tanto mais que os veículos motorizados principiavam a aparecer em maior número, a navegação recebia certo impulso e a aviação começava a ser uma realidade.

Desta maneira, a «Lisbon Coal» encontrou, na foz do Tejo, em boa situação e fácil acesso marítimo, uma vasta área para construção de depósitos. De facto, o próprio Joseph Bleck possuía uma faixa de terreno nessas condições, num local chamado Banática, do outro lado do rio, fronteiro a Belém.

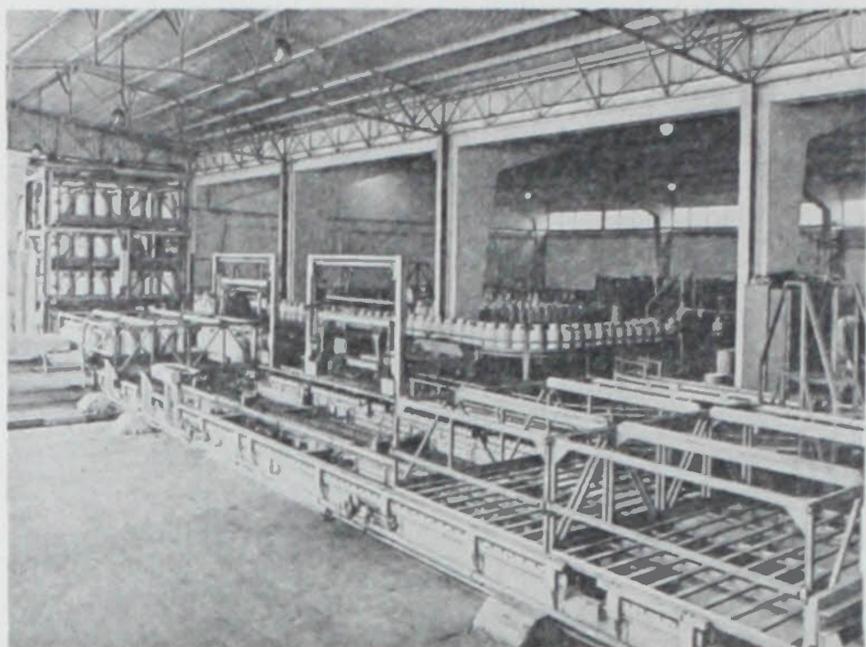
Em Janeiro de 1913 é pedida pela «The Lisbon Coal» a respectiva autorização que dá entrada na 1.<sup>a</sup> Repartição da Direcção-Geral de Obras Públicas e Minas a qual é concedida em Maio de 1913 mas os trabalhos só têm início em Março do ano seguinte. Precisamente nesse mês, por resolução de uma Assembleia Geral Extraordinária, o capital da «The Lisbon Coal», é aumentado por emissão de novas acções para £100 000.

Efectivamente já em fins de 1914 a grande obra da Banática começara a tomar vulto e, em Junho de 1915, apresentava-se adiantada em mais de metade. Em Agosto de 1916, são colocadas as tubagens e a Instalação é dada por concluída. Nesse mesmo ano, em Novembro, atracava à ponte da Banática o primeiro navio, o «Mira», com um carregamento de carvão.

Entretanto, «The Lisbon Coal» informava Londres de que a Instalação estava pronta a receber carregamentos de combustível. Mas a 1.<sup>a</sup> Grande Guerra perturbava então a Europa provocando atrasos nos negócios ou desviando-os para direcções diferentes. O comércio ressentia-se enormemente do conflito, embora aguardando melhores e mais frutuozos tempos. A Banática estava concluída mas esperava o restabelecimento da paz e a normalização do tráfego marítimo no Atlântico para iniciar uma útil actividade.

Não pôde Joseph Bleck ver coroada de êxito a sua iniciativa porque faleceu em 1917. Mas já nessa altura seu filho, Charles Henry Bleck geria a «The Lisbon Coal» tendo mesmo acompanhado de perto os trabalhos da Banática.

Em 30 de Abril de 1919 chega àquela Instalação o primeiro carregamento de óleo combustível, a bordo do vapor «Rion». Quinze dias depois o escritório da «The Lisbon Coal» recebia de Londres uma carta em que a SHELL manifestava o seu agrado pela operação realizada.



Enchimento automático de garrafas de butagás na Instalação da «Shell Portuguesa» em Matosinhos

Entretanto, Charles H. Bleck instalava um novo escritório na rua de S. Julião, o qual abre no dia 1 de Junho de 1919 apenas com seis empregados. Aí se estabelecem os contactos com os clientes, aí se dirigem os vendedores; aí se recebem encomendas para a cidade de Lisboa e para o resto do País.

Alarga-se a rede de revenda com o aumento do número de agentes no continente e os abastecimentos para a província em caminho de ferro crescem de dia para dia. Em 1920, efectua-se a primeira importação de «gasoil» em tambores. Os bons serviços da Companhia, no Tejo, começam a ser mundialmente conhecidos. É também em 1920 e para reforçar o processo de abastecimento, que começa a funcionar o batelão «Shell 2», o qual como o rebocador «Relâmpago» passa a ser valioso auxiliar de centenas de barcos.

Se o êxito dos produtos Shell e da The Lisbon Coal estava assegurado — pois que então já havia agentes no Funchal e nas principais ilhas dos Açores — porque não tentar no Ultramar? Cabo Verde, passagem obrigatória dos barcos das carreiras de África e da América do Sul, é a zona propícia para a instalação de depósitos.

Obtida a autorização para a The Lisbon Coal funcionar em Cabo Verde e ali construir instalações, a sua crescente expansão suscita não só aumentos de capital mas, em 9 de Março de 1920, também a criação da primeira sociedade SHELL de constituição portuguesa: a Companhia Shell, sociedade anónima de responsabilidade limitada com o capital inicial de dez mil escudos.

O rés-do-chão da Rua de S. Julião torna-se acanhado para o já grande movimento que a Shell começa a adquirir. Os negócios progridem em vários sectores e a necessidade de desdobrar as secções e de admitir grande número de funcionários obriga à mudança dos escritórios centrais da companhia para um prédio da Rua do Crucifixo.

Decorridos dez anos sobre a inauguração da Banática Charles H. Bleck, assoberbado por outras actividades decide abandonar a empresa que se tornara uma realidade em Portugal devido à sua notável acção de comerciante e financeiro.

É substituído por T. M. Shervington, em Fevereiro de 1924, e quatro anos depois inaugura-se a Instalação de Évora, abastecida por caminho de ferro e que servirá para garantir as crescentes necessidades de combus-

tíveis líquidos naquela zona agrícola. A designação de «The Lisbon Coal and Oil Fuel Co. Lda» torna-se obsoleta pelo que, em 13 de Fevereiro de 1930, a companhia passou a chamar-se SHELL COMPANY OF PORTUGAL, LDA.

Em 1939, a guerra estala na Europa e como todas as indústrias a petrolífera é gravemente atingida dificultando seriamente o transporte de produtos para Portugal o que obriga a SHELL a diminuir a sua actividade. Tal circunstância não a impede porém de prosseguir no caminho traçado.

Terminado o conflito, a SHELL lança-se em novos empreendimentos e em 1951 Sir Peter Norton-Griffiths é nomeado administrador-delegado. A sua gerência assinala-se sobretudo, pela inauguração de modernas Estações de Serviço nas principais estradas do País e nas zonas de maior movimento e concentração populacional.

Substitui-o F. H. Frangenheim que toma posse em 1953. Esta data assume excepcional importância pois marca a transformação da Shell Company of Portugal Lda. em SHELL PORTUGUESA, S.A.R.L. Os novos estatutos facilitam a integração da Companhia na política do Governo, servindo ainda melhor os interesses portugueses dos quais, aliás, jamais se tinha afastado.

Em 1959, novo e importante passo: a inauguração do *Edifício Shell*, na avenida da Liberdade, pois os escritórios da Rua do Crucifixo tinham-se tornado exíguos. O então Presidente do Conselho de Administração, Dr. Bustorff Silva, pronuncia um discurso em que afirma: «Orientada por veemente espírito de colaboração na obra de ressurgimento nacional realizada nos últimos trinta anos, a acção da nossa Companhia vem ampliando-se, de dia para dia, evoluindo afortunadamente a procura dos seus produtos, atenta à preocupação que nos anima de satisfazer todas as aspirações e necessidade do público consumidor».

O grande acontecimento de 1962 é a inauguração pelo Chefe do Estado, Almirante Américo Thomaz, das instalações do Funchal, de fornecimento de combustíveis líquidos à navegação. No ano seguinte, são inauguradas pelo ministro da Economia, Prof Dr. Teixeira Pinto, as Instalações de Matosinhos com uma área de

39 mil metros quadrados e uma capacidade de armazenagem a granel de cerca de 46 milhões de litros.

As actividades da Companhia — de que damos apenas traços gerais — vieram a desenvolver-se de acordo com as necessidades e a conjuntura económica do País. Sempre no âmbito da sua política realística, a Shell Portuguesa segue assim uma linha de continuidade que marca a sua presença no mercado nacional desde há mais de meio século.

Daí o seu interesse pela pesquisa petrolífera ao largo da costa portuguesa, «offshore», tendo-lhe sido atribuída, pelo Estado, uma área de cerca de 4800 metros quadrados, onde a sociedade especialmente constituída para o efeito — *Shell Prospex Portuguesa, S. A. R. L.* — irá despende pelo menos um milhão e duzentos mil contos, nos seis primeiros anos, para a execução do mais ambicioso plano de todas as propostas submetidas ao Governo, por altura do respectivo concurso e que inclui a prospecção sísmica e a abertura de onze poços. Por outro lado, a SHELL está presente e com proeminência no fornecimento de serviços e de produtos, tais como gasolina e óleo, de pesticidas e combustíveis a automobilistas e agricultores, de combustíveis a aviões e navios, de asfalto aos empreiteiros, de insecticidas e de gás butano às donas de casa, de propano e assistência técnica aos industriais, de gás aos complexos turísticos e ainda de borracha sintética, plásticos, solventes a outros consumidores.

No intuito de colaborar no abastecimento normal de ramos de petróleo ao nosso País, a Shell Portuguesa tornou-se societária da Sociedade Portuguesa de Navios Tanques (SOPONATA). Por outro lado, no campo da indústria de plásticos é sócia da FLEXIPOL.

Ainda com a intenção de cooperar no desenvolvimento e progresso de Portugal, mantém, vai para quinze anos, a «Experiência Agrícola de Sever do Vouga», demonstrativa das possibilidades potenciais no que diz respeito ao rendimento da terra e à contabilidade dos custos.

Por outro lado, mantém publicações periódicas como «Ciência e Tecnologia», «Boletim Agrícola» e «Revista Shell», nas quais são tratados assuntos de relevante interesse para a Comunidade ■